

Cultura, Lazer e Tempo Livre de Jovens Brasilei-ras(os) na Perspectiva de Gênero e Escolaridade.

Carlos Henrique dos Santos Martins y Patricia Lânes Araujo de Souza.

Cita:

Carlos Henrique dos Santos Martins y Patricia Lânes Araujo de Souza (2007). *Cultura, Lazer e Tempo Livre de Jovens Brasilei-ras(os) na Perspectiva de Gênero e Escolaridade*. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-066/1754>

Lazer e tempo livre dos (as) jovens brasileiros (as)¹ nas perspectivas de escolaridade e gênero

Carlos Henrique dos Santos Martins²

Patrícia Lânes Araújo de Souza³

Introdução

O presente artigo tem como ponto de partida uma série de dados gerados pela pesquisa “Juventude, juventudes: o que une e o que separa”, publicada em 2006 pela Unesco e coordenada por Miriam Abramovay e Mary Castro. Tal pesquisa busca ampliar as possibilidades de reflexão sobre as vidas e percepções dos jovens brasileiros, tendo sido realizada em todo país a partir de uma amostra significativa da população de 15 a 29 anos (cerca de 10 mil jovens). Desse modo, foi possível “ouvir” a opinião de jovens mulheres e homens sobre diversos temas do universo juvenil e da sociedade de forma geral, permitindo análises a partir do gênero, da faixa etária, da região, da condição do município (urbano e metropolitano, urbano não-metropolitano e rural), do grau de instrução, da classe socioeconômica e da cor/raça auto-atribuída.

“O mundo da cultura aparece como espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil” (Dayrell, 2005, pág. 15). Se a dimensão cultural é significativa na vida dos jovens a ponto de ajudar a definir identidades e estilos, é no âmbito do lazer e do tempo livre que as práticas culturais irão se apresentar em suas muitas facetas. Através das questões apresentadas aos jovens na referida pesquisa foi possível (re)conhecer algumas delas. O primeiro ponto a se chamar a atenção é que tais questões se relacionam a preferências ou gostos do universo juvenil e também a algumas de suas práticas concretas. Essa observação torna-se relevante na medida em que nem todos os jovens são capazes de colocar em prática aquilo que dizem gostar ou preferir fazer. A esfera das escolhas muitas vezes está condicionada a condições materiais para torná-las práticas concretas e incorporadas na vida do jovem para além do desejo. Por outro lado, os gostos também são produzidos e conformados a partir de um campo de possibilidades que se impõe ao jovem a partir de seu universo sócio-cultural, não estando, esta dimensão, restrita a características puramente

¹ Não seguiremos utilizando a linguagem de gênero a fim de facilitar a escrita e a leitura. Pretendemos apenas chamar a atenção para as diferenças de gênero presentes quando falamos “os jovens” de maneira genérica.

² Doutorando em educação pela UFF, pesquisador do Observatório Jovem do Rio de Janeiro-UFF, professor de educação física do CEFET-RJ - Unidade Descentralizada de Educação de Nova Iguaçu.

³ Especialista em Sociologia Urbana pela UERJ e mestre em Sociologia pelo PPGSA/ IFCS/ UFRJ. É pesquisadora do IBASE - Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas e do Observatório Jovem do Rio de Janeiro-UFF.

individuais, livres de qualquer influência do meio ou das condições sociais e econômicas nas quais se insere o jovem. Mais à frente alguns desses aspectos serão analisados com maior profundidade a partir dos eixos aqui privilegiados. Outro ponto a ser destacado é que os dados sobre cultura e lazer podem ser lidos a partir dos espaços da casa e da rua. Vistos aqui não só como territórios físicos, mas como campos de ação social ou domínios culturais institucionalizados (DaMatta,1997).

Muito embora o lazer costume ser pensado a partir da relação com o tempo livre e como direito, é importante ressaltar que, dependendo das relações sociais em foco e das condições materiais de existência, esse pode se constituir em um privilégio para poucos. São os diferentes modos de estar no universo social e possíveis recortes analíticos – como, por exemplo, a raça, classe social e a região de moradia – que apontam os limites de acesso ao lazer. No presente artigo, aprofundaremos dois deles: as relações de gênero e o grau de instrução.

Práticas e percepções sobre cultura e lazer: um panorama geral

Antes de iniciarmos a análise a partir dos focos aqui privilegiados, cabe uma breve e resumida apresentação dos dados mais significativos relacionados à cultura e ao lazer. A partir da apresentação mais geral, algumas ponderações serão feitas, tendo em vista alguns recortes significativos (classe, raça, características do município, região do país etc) para cada conjunto de dados. Pretende-se, com essa opção, deixar claro que muitos outros recortes ajudam a elucidar outras tantas diferenças e desigualdades presentes na juventude brasileira e não aprofundadas nesse momento.

Ver televisão é a atividade preferida pelos jovens em seu tempo livre em casa. A atividade que aparece em segundo lugar é ouvir música como indicam 17,6% deles e dormir e descansar aparece em terceiro lugar.

Fora de casa, os jovens brasileiros preferem se reunir com amigos e praticar esportes. Logo após, estão dançar (9,1%), ir a festas (8,9%) e ir a bares (8,3%). Apenas 5,6% não fazem nada ou não costumam sair em seu tempo livre e ir à igreja é a atividade escolhida por 5,4% deles.

Os locais mais apontados pelos jovens para se reunirem com seus amigos foram a rua ou o bairro (35,1%); seguidos pela casa de um deles (30%); o edifício/ casa (24,2%); algum bar, boteco ou discoteca (21,4%); a praça (20,8%); a escola (13,8%); a igreja (10,9%); áreas ou quadras esportivas (7,8%); e o shopping center (6,3%). Enquanto 31,5% dos jovens que moram nos municípios rurais se encontram com amigos em praças, apenas 13,2% dos jovens que vivem no meio urbano metropolitano o fazem. O shopping, em

contrapartida, aparece na preferência de 12,2% dos moradores de regiões urbanas e metropolitanas, e apenas em 0,3% dos jovens rurais. Há, ainda, algumas diferenças, por exemplo, no que diz respeito à cor auto-declarada pelos jovens. Entre os negros⁴ é mais comum o bairro e a rua como local de reunião (40,2%) do que entre os brancos (30,9%). O shopping center, ao contrário, aparece mais como local de reuniões dos jovens que se declararam brancos (8,5%) do que entre os jovens negros (4,6%).

Mais de 70% dos jovens brasileiros costumam **nunca** ir a teatros e a museus. Quase metade deles nunca vai ao cinema, a bibliotecas ou estádios e ginásios esportivos e cerca de 40% nunca vão a um clube, 27,6% nunca vão a shows e 21,8% costumam nunca ir a bailes e festas. Estes últimos são os espaços mais freqüentados **sempre** pelos jovens (25,3%), seguidos de shows (16,6%) e dos clubes (13,4%). Em contrapartida, teatro e museu aparecem com os menores percentuais em relação à maior freqüência regular dos jovens com 1,5% e 1,2%, respectivamente.

O hábito de leitura é pouco disseminado entre os jovens brasileiros: 21,4% nunca lêem livros, 22% nunca lêem revistas, 29,5%, jornais e 49,2%, revistas em quadrinhos. Por outro lado, é interessante notar que 21,9% disseram ler livros sempre, 19,6%, revistas, 18,1%, jornais, e 7,7%, revistas em quadrinhos.

Quando perguntados se costumam ou não assistir TV, a imensa maioria dos jovens (97,7%) respondeu positivamente, confirmando dados de outras pesquisas que evidenciam a centralidade da televisão na vida da população brasileira e dos jovens, em especial. A grande maioria costuma assistir televisão todos os dias (81,1%), sendo as novelas (28,2%), os filmes (19%), os telejornais (18,1%), os programas de esporte (11,8%), os desenhos animados (5,7%) e os programas educativos (4,8%) os gêneros de programas preferidos.

A preferência por telejornais aumenta conforme aumenta a faixa-etária, começando com 8,9% dos jovens entre 15 e 17 anos e chegando a 25,2% entre os jovens de 27 a 29 anos. Conforme aumenta a idade, os jovens dizem preferir menos desenhos animados, programas de esporte e filmes. A diferença nas escolhas dos jovens de classes socioeconômicas distintas também se coloca. Entre os das classes A/B, os filmes são mais escolhidos (22,7%), seguidos de telejornais (21,3%) e das novelas (15,4%). Já para os das classes D/E é a novela o gênero de programa televisivo preferido (34%), seguido pelos filmes (17,3%) e pelos telejornais (16,9%), ranking que se confirma, com pequenas variações percentuais, entre os jovens da classe C. Gêneros de programas como séries e

⁴ Na presente pesquisa os jovens foram agrupados em brancos, morenos ou pardos, negros e outros.

minisséries, documentários e “reality shows” são claramente selecionados pelos jovens das classes A/B, se comparados aos das outras classes. Assim como os programas de auditório são preferidos em maior proporção por jovens das classes D/E, ainda que os percentuais sejam muito baixos. Programas sobre crime, desenhos animados, de esportes e programas educativos não variam na preferência significativamente de acordo com a classe.

A maior parte dos jovens possui um gênero musical favorito (75,5%). Entre eles estão o sertanejo (18,4%), o rock e a música romântica (com 10,6% cada um), o forró (9,9%), o pagode (8,3%), o gospel (7,6%), e a MPB (5,5%) são os gêneros preferidos. Há uma concentração de determinados gêneros em algumas regiões do país, revelando que alguns deles são tipicamente regionais, com forte presença em algumas regiões e fraca ou inexistente presença em outras. Este é o caso do brega, que aparece significativamente (e em segundo lugar) na região Norte (15,5%), apesar de ter menos de 3% na escolha geral e de não aparecer na região Sul, por exemplo. Já o forró que tem 22,5% da preferência dos jovens do Nordeste, não chega a 10% na apuração geral e é inexpressivo entre os jovens da região Sul. O gênero gospel é o único em que a adesão dos jovens aumenta conforme aumenta a faixa-etária, indo de 4,7% entre os mais jovens (de 15 a 17 anos) e chegando a 11,5% entre os mais velhos (27 a 29 anos).

Os jovens das classes A/B ouvem, mais que os das outras classes, dance (2,9%), hip hop (2,6%), MPB (12%), pop rock (4,4%), pop (5,7%), reggae (4,3%) e rock (22,4%). Já os jovens da classe C ouvem, mais que os outros, axé (3,7%), pagode (10,4%), rap (4,8%) e samba (3,8%). Entre aqueles jovens que pertencem às classes D/E a escolha maior, em comparação com os outros, é pelo brega (4,3%), forró (14,1%), romântica (13,7%) e sertanejo (22,4%). A preferência pelo rock, reggae e hip hop aumenta entre os jovens, quanto melhor condição socioeconômica eles têm. Sobre isso é interessante pensar na contradição entre o discurso de alguns gêneros musicais, assim como o hip hop e o reggae, que se constituem também como um movimento ou estilo de vida, e a preferência dos jovens por eles. Apesar da ênfase do movimento em um discurso ligado às discriminações e às condições a que estão submetidos negros e pobres em periferias e favelas, o hip hop, em diálogo com o mercado e a partir das várias apropriações possíveis a partir desta relação, é mais consumido por jovens com maior poder aquisitivo e melhores condições de vida.

O grau de instrução como possibilitador e limitador de acessos e preferências

Em contextos sociais marcados, dentre outros aspectos, pelas diferenças e desigualdades, a juventude deve ser pensada em suas múltiplas dimensões, buscando

compreender de que maneiras os jovens, na sua diversidade, vivenciam os problemas dessa fase da vida. As diferentes juventudes são marcadas pelas (im)possibilidades relacionadas às desigualdades e que parecem ser condicionantes estruturais para negar o direito à cidadania a muitos desses jovens. Entretanto, o direito ao exercício de brincar, de se divertir, de (re)inventar linguagens próprias, de formar-se e informar-se culturalmente, apresenta-se como necessidade para que todos experimentem e exercitem essa mesma cidadania como um direito. Os espaços e formas de lazer, nesse sentido, tornam-se uma dimensão privilegiada de participação juvenil.

Para além da visão da juventude como um modelo universal em que o jovem tende a se libertar do trabalho para se dedicar aos estudos, ao descompromisso do lazer, diversas pesquisas apontam para a grande preocupação desse segmento com a questão do trabalho. Sendo assim, “o aumento da escolaridade, em geral, coincide com maiores chances de conseguir empregos formais, algo decisivo para os jovens, considerando que o desemprego juvenil é três vezes maior que o do conjunto da população” (Carrano, 2006, pág. 5). Nesse contexto, os jovens podem não se encaixar na relação tempo livre/ lazer, mas nas suas escolhas decorrentes de um tempo desocupado, do tempo do não trabalho.

A crescente presença dos jovens nos espaços escolares e que resulta no aumento da escolaridade observado nos últimos anos torna possível apreender maior relação entre juventude, lazer e cultura. É no espaço da escola que os jovens, em geral, ampliam seus contatos e acessos aos bens culturais – tanto materiais quanto imateriais – e às práticas relacionadas ao lazer. Observou-se que existe maior concentração de jovens nas regiões sudeste e nordeste, sendo que na primeira está quase a metade da população jovem do Brasil, cerca de 42%, e outros 29% na segunda região. Acompanhando o fenômeno da migração em que a população brasileira tende a se deslocar para os grandes centros, podemos observar que 70,7% dos jovens estão nos centros municipais urbanos e 29,3% estão nos municípios rurais. Isso certamente implica em escolhas e ofertas de lazer específicas uma vez que é nos grandes centros que os equipamentos de lazer estão em maior quantidade.

Com relação à escolaridade, a maioria dos jovens está entre o 2º segmento do ensino fundamental (34%) e o ensino médio (35,8%). Há uma parcela importante que, apesar de todos os esforços governamentais no sentido de ampliar a escolarização, ainda encontra-se no 1º segmento do ensino fundamental (22,9%). Para estes, parece que não é suficiente o aumento do número de matrículas, mas é fundamental a consolidação de mecanismos que garantam a sua permanência no espaço escolar, além da redução da

diferença na relação idade/série, pois vale lembrar que estamos nos referindo a jovens que têm entre 15 e 29 anos.

No caso do ensino superior, o “funil” do vestibular parece funcionar com muita eficiência, pois apenas 7,2% cursam ou cursaram a faculdade. Nesse caso, ainda não foi possível avaliar os efeitos de programas de ampliação ao acesso à universidade, mas podemos evidenciar a insuficiência de programas de ampliação do número de vagas para as universidades públicas. Além disso, o que pode estar em jogo na manutenção dessa diferença é a qualidade do ensino público, que faz com que, para muitos jovens, o ensino superior privado apareça como única opção. Porém, sendo essa parcela da população a que está mais exposta ao desemprego, essa possibilidade torna-se cada vez mais remota.

A partir das perguntas que foram formuladas, a pesquisa introduz uma discussão importante a respeito da diferença a ser considerada entre tempo livre e lazer ou, em outras palavras, tempo desocupado e ausência de opções de lazer, ausência que pode levar os jovens a ocuparem seu tempo com atividades que, nem sempre, estão relacionadas à presença de um leque variado de opções. Desse modo, muitas escolhas podem se dar em um universo em que as escolhas são muito restritas. Ao revelar, por exemplo, que 35% dos jovens brasileiros ocupam seu tempo livre em casa assistindo televisão, a pesquisa nos possibilita refletir sobre as diferentes maneiras de ocupação do tempo e que podem se dar de forma quase compulsória.

Quando estão dentro de casa, independente do grau de instrução, a maioria prefere assistir televisão. As novelas, os filmes, os noticiários e os programas esportivos estão entre os gêneros preferidos pelos jovens pesquisados, havendo pequenas diferenças entre os graus de instrução como mostra a tabela a seguir.

Tabela 01 – Distribuição dos Jovens segundo Tipo de Programa Televisivo que Preferem Assistir, por Grau de Instrução, Brasil, 2004.

Que Tipo de Programa Prefere Assistir na Televisão	Grau de Instrução				Total
	Até a 4ª Série do Ensino Fundamental	5ª a 8ª Série do Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	
Séries/minisséries	124.204	243.699	530.275	124.208	1.022.386
	1,1%	1,5%	3,1%	3,6%	2,1%
Noticiários informativos (jornais)	1.931.008	2.331.813	3.397.096	1.017.678	8.677.595
	17,6%	14,3%	19,8%	29,4%	18,1%
Programas sobre crime	191.180	315.401	152.921	33.445	692.947
	1,7%	1,9%	0,9%	1,0%	1,4%
Desenhos animados	640.469	1.099.008	855.207	109.894	2.704.578
	5,8%	6,7%	5,0%	3,2%	5,7%

Programas humorísticos	105.143	238.973	315.332	76.447	735.895
	1,0%	1,5%	1,8%	2,2%	1,5%
Documentários	57.365	315.340	735.781	343.944	1.452.430
	0,5%	1,9%	4,3%	9,9%	3,0%
Esportes	1.199.615	2.078.612	2.064.293	305.806	5.648.326
	10,9%	12,8%	12,1%	8,8%	11,8%
Novelas	4.024.449	5.065.166	4.018.379	391.704	13.499.698
	36,7%	31,1%	23,5%	11,3%	28,2%
Programas de entrevistas	138.604	229.270	315.319	128.997	812.190
	1,3%	1,4%	1,8%	3,7%	1,7%
Reality show ("big brother", "casa dos artistas")	57.357	210.274	191.150	43.016	501.797
	0,5%	1,3%	1,1%	1,2%	1,0%
Programas de auditório	143.383	148.199	172.051	0	463.633
	1,3%	0,9%	1,0%	0,0%	1,0%
Filmes	2.007.347	3.110.844	3.311.134	644.997	9.074.322
	18,3%	19,1%	19,3%	18,6%	19,0%
Programas educativos	262.847	778.906	1.012.904	219.784	2.274.441
	2,4%	4,8%	5,9%	6,4%	4,8%
Outros	81.260	119.478	52.585	19.114	272.437
	0,7%	0,7%	0,3%	0,6%	0,6%
Total	10.964.231	16.284.983	17.124.427	3.459.034	47.832.675
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Pesquisa "Juventudes Brasileiras". UNESCO, 2004.

Foi perguntado ao jovem: "Independente de você assistir ou não assistir TV, se você tivesse que escolher algum programa de televisão para assistir, por favor, diga-me qual destes tipos de programa descritos na cartela você escolheria para assistir?".

Observou-se que, apesar de a novela ser o programa preferido – o que parece seguir uma trajetória da cultura brasileira televisiva –, sua escolha tende a baixar percentualmente conforme o aumento da escolaridade e, no caso do ensino superior, perde a liderança para os noticiários, escolhidos por 29,4% dos integrantes desse grupo. A escolha por filmes pode estar relacionada a fatores como a comodidade, a ausência de cinemas próximos aos locais de moradia e também a questões financeiras que limita o acesso em função dos preços dos ingressos.

Os noticiários aparecem como uma importante fonte de informação e atualização à respeito dos acontecimentos do país e do mundo (vale chamar a atenção para o não aparecimento do hábito de ler jornais em casa durante o tempo livre). Entretanto, queremos ressaltar que podem ser espaços de manipulação de gostos e opiniões se não forem problematizados os seus conteúdos e diferentes maneiras de veicular a mesma notícia pelos diferentes canais de transmissão. Sendo assim, devem ser motivados os debates entre os jovens no interior da escola, de seus grupos e também nos diversos espaços educativos, incentivando-se também o envolvimento dos jovens na produção de mídia. Nesse contexto, vale destacar a importância que os programas educativos ocupam nas suas escolhas e que

aumenta de acordo com o grau de instrução, mas, ainda assim, é a sexta atividade mais assistida por todos os pesquisados.

Os programas esportivos (a pesquisa não deixa claro se são transmissões de jogos, debates ou noticiários) também têm destaque nas escolhas e que podem estar relacionadas a diversos fatores tais como a espetacularização do esporte, a impossibilidade de ir aos estádios em função da violência crescente entre as torcidas organizadas, o preço dos ingressos e até mesmo à ausência de estádios na maioria das cidades brasileiras. A tematização do caráter educativo dos esportes deve ser levada em consideração ao tratarmos de programas esportivos voltados para as juventudes.

Dentre as escolhas por programas televisivos a surpresa fica por conta dos *reality shows*. Para além do senso comum que nos faz acreditar no interesse crescente pela vida privada e pelo vasculhamento da intimidade alheia, e do crescimento desse tipo de diversão na televisão brasileira nos últimos anos, esses programas são assistidos por apenas 1% dos jovens em todos os níveis de escolaridade.

A tabela a seguir mostra que, ainda dentro de casa, muitos jovens preferem ouvir música no rádio.

Tabela 02 – Distribuição dos Jovens segundo Atividade que mais Gostam de Fazer no Tempo Livre em Casa, por Grau de Instrução, Brasil, 2004.

Qual Atividade que Mais Gosta de Fazer no Tempo Livre em Casa	Grau de Instrução				Total
	Até a 4ª Série do Ensino Fundamental	5ª a 8ª Série do Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	
Beber	109.929	105.127	85.973	14.329	315.358
	1,0%	0,6%	0,5%	0,4%	0,7%
Dançar	129.037	219.794	205.440	28.664	582.935
	1,2%	1,3%	1,2%	0,8%	1,2%
Assistir Televisão	3.794.690	6.140.408	5.896.111	898.267	16.729.476
	34,6%	37,7%	34,4%	26,0%	35,0%
Usar Computador	0	109.888	406.109	248.431	764.428
	0,0%	0,7%	2,4%	7,2%	1,6%
Jogar Videogames	90.772	372.616	329.624	38.211	831.223
	0,8%	2,3%	1,9%	1,1%	1,7%
Dormir, Descansar	1.610.771	1.500.316	1.739.208	449.057	5.299.352
	14,7%	9,2%	10,2%	13,0%	11,1%
Fazer a Limpeza da Casa	1.290.573	1.075.254	563.816	105.089	3.034.732
	11,8%	6,6%	3,3%	3,0%	6,3%
Estudar	219.887	678.658	841.017	224.554	1.964.116
	2,0%	4,2%	4,9%	6,5%	4,1%
Ouvir Música	1.557.985	2.948.281	3.468.578	458.659	8.433.503
	14,2%	18,1%	20,3%	13,3%	17,6%
Ler Livros	387.131	1.017.787	1.538.563	573.336	3.516.817

	3,5%	6,2%	9,0%	16,6%	7,4%
Ler Revistas	47.797	100.361	129.010	23.896	301.064
	0,4%	0,6%	0,8%	0,7%	0,6%
Namorar	66.887	95.569	167.230	62.108	391.794
	0,6%	0,6%	1,0%	1,8%	0,8%
Brincar com os Filhos	195.979	224.537	138.580	28.673	587.769
	1,8%	1,4%	0,8%	0,8%	1,2%
Não Fazer Nada	172.112	133.811	114.715	0	420.638
	1,6%	0,8%	0,7%	0,0%	0,9%
Qualquer Coisa	196.028	100.360	42.997	19.101	358.486
	1,8%	0,6%	0,3%	0,6%	0,7%
Outros	1.094.651	1.462.215	1.457.455	286.657	4.300.978
	10,0%	9,0%	8,5%	8,3%	9,0%
Total	10.964.229	16.284.982	17.124.426	3.459.032	47.832.669
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Pesquisa “Juventudes Brasileiras”. UNESCO, 2004.

Foi perguntado ao jovem: “No seu tempo livre, qual atividade que você mais gosta de fazer, quando você está na sua casa?”.

Entretanto, o grupo que possui até a 4ª série do ensino fundamental coloca o rádio em 3º lugar, com uma diferença mínima para a opção dormir ou descansar, que aparece em 2º lugar. Talvez, para o grupo em questão, essa escolha esteja relacionada à possibilidade de muitos trabalharem, ainda que na informalidade e/ou em condições precárias de subemprego.

No caso do grupo com o ensino superior, ouvir música também aparece na 3ª posição. Esse grupo, logo após a TV, prefere ler livros, o que pode estar revelando o papel da escola no incentivo à leitura e o papel da leitura na formação acadêmica dos jovens, que conseguem permanecer mais tempo na escola. Essas aproximações e pequenos distanciamentos entre os jovens de acordo com o nível de escolaridade nos possibilitam algumas reflexões. É inegável o papel dos meios de comunicação no cotidiano desses jovens e isso deve ser levado em consideração como possibilidade não só de diversão, como também de informação através do noticiário e dos programas culturais, por exemplo. Aqui, queremos chamar a atenção para a importância da regionalização da programação como meio de divulgação e (re)conhecimento das culturas locais. Sabemos do papel dos jovens na preservação – ainda que transformada – da cultura e o papel que esta desempenha na elaboração das identidades não só dos jovens, como também das comunidades em geral.

Com relação ao gosto musical observou-se que a maioria dos jovens, independente das clivagens escolhidas, tem preferência por um gênero específico. Não foi possível

estabelecer relação entre os gêneros comuns aos graus de instrução, mas destacaram-se algumas opções que podem parecer surpreendentes.

Tabela 03 – Distribuição dos Jovens segundo Gênero de Música Preferido, por Grau de Instrução*, Brasil, 2004.

Gênero de Música Preferido	Grau de Instrução				Total
	Até a 4ª Série do Ensino Fundamental	5ª a 8ª Série do Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	
Axé	129.014	425.290	463.464	47.778	1.065.546
	1,6%	3,4%	3,6%	1,9%	3,0%
Brega	487.431	382.229	124.225	4.772	998.657
	6,1%	3,0%	1,0%	0,2%	2,8%
Dance	86.021	310.566	286.642	28.664	711.893
	1,1%	2,5%	2,2%	1,1%	2,0%
Forró	1.247.512	1.361.884	888.773	81.212	3.579.381
	15,6%	10,8%	6,8%	3,2%	9,9%
Gospel	472.999	1.022.507	1.084.646	148.106	2.728.258
	5,9%	8,1%	8,4%	5,9%	7,6%
Hip hop	62.097	210.239	215.021	23.893	511.250
	0,8%	1,7%	1,7%	0,9%	1,4%
MPB	90.790	353.576	883.924	664.112	1.992.402
	1,1%	2,8%	6,8%	26,4%	5,5%
Pop rock	4.776	138.558	477.781	81.207	702.322
	0,1%	1,1%	3,7%	3,2%	1,9%
Pop	90.809	219.794	492.063	176.775	979.441
	1,1%	1,7%	3,8%	7,0%	2,7%
Pagode	563.805	1.132.374	1.203.916	95.559	2.995.654
	7,0%	9,0%	9,3%	3,8%	8,3%
Romântica	965.502	1.395.385	1.361.764	109.888	3.832.539
	12,1%	11,1%	10,5%	4,4%	10,6%
Reagge	320.211	296.255	234.093	100.335	950.894
	4,0%	2,4%	1,8%	4,0%	2,6%
Rock	243.729	1.137.140	2.025.836	434.757	3.841.462
	3,0%	9,0%	15,6%	17,3%	10,6%
Rap	243.737	578.112	425.186	33.441	1.280.476
	3,0%	4,6%	3,3%	1,3%	3,5%
Sertanejo	2.447.360	2.437.278	1.562.599	191.130	6.638.367
	30,6%	19,3%	12,0%	7,6%	18,4%
Samba	133.805	382.305	396.557	66.895	979.562
	1,7%	3,0%	3,1%	2,7%	2,7%
Outros	415.855	817.056	850.437	229.326	2.312.674
	5,2%	6,5%	6,6%	9,1%	6,4%
Total	8.005.453	12.600.548	12.976.927	2.517.850	36.100.778
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Pesquisa “Juventudes Brasileiras”. UNESCO, 2004.

Foi perguntado ao jovem: “E, qual é o seu gênero de música preferido?”.

* Somente os jovens que têm algum gênero de música preferido.

A música sertaneja, embora não tenha grande penetração na região sudeste, onde está a maioria dos jovens da pesquisa, é a preferida pelos grupos de todos os segmentos do ensino fundamental e ocupa a 2ª colocação para os jovens do ensino médio. A seguir, para os jovens da 1ª a 4ª série, aparece o forró e essa preferência vai perdendo posição conforme o aumento dos níveis de escolaridade. Isso também ocorre com a música romântica que tem grande penetração nos gostos dos diferentes grupos juvenis. O pagode é o 4º gênero musical na escala de preferência dos segmentos de ensino, exceto para o grupo do ensino superior, grupo esse em que são observadas significativas alterações. Para esses jovens a MPB (música popular brasileira) ocupa a 1ª colocação. É a preferida por 26,4%, seguida pelo rock, que é ouvido por 17,3 % dos jovens nessa faixa de escolarização.

Se o hip hop é apontado como expressão da cultura popular juvenil mundializada (Ortiz, 2000, Martins, 2004), isso não parece estar relacionado às escolhas dos jovens pesquisados, pois a média de preferência nos quatro grupos é de apenas 1,4%, sendo que os grupos escolarizados intermediários são responsáveis por 1,7% dos gostos relacionados à essa linguagem musical que, apesar de estar voltada para a juventude, não se expressa como tal para a maioria dos pesquisados.

O fato de que a maioria dos jovens que está no ou possui o ensino superior ler deve se relacionar com a oportunização do contato mais intenso e do acesso à literatura, da descoberta do prazer em ler e que esse prazer pode e deve estar aliado à aprendizagem e ampliação das visões de mundo e de sociedade. É possível observar que, quanto menor é o grau de instrução, menor é o interesse pela leitura.

Para muitos jovens a escola surge como espaço facilitador do contato com as múltiplas formas de cultura e lazer. É no seu interior que estabelecem relação de proximidade com o teatro, a música, a arte, o esporte, a literatura. O hábito de ler, assim como o número de livros lidos tende a aumentar com a progressão dos anos de permanência na escola.

Tabela 04 – Distribuição dos Jovens segundo Quantidade de Livros Lidos por Prazer nos Últimos 12 Meses, por Grau de Instrução*, Brasil, 2004.

Quantos Livros Leu por Prazer nos Últimos 12 Meses	Grau de Instrução				Total
	Até a 4ª Série do Ensino Fundamental	5ª a 8ª Série do Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	
Nenhum livro	1.495.923	2.260.185	2.245.677	315.361	6.317.146
	23,8%	17,4%	15,1%	9,4%	16,8%
1 livro	1.046.696	1.791.952	2.173.985	353.480	5.366.113
	16,6%	13,8%	14,6%	10,5%	14,3%

2 livros	927.384	2.107.394	2.613.474	544.679	6.192.931
	14,7%	16,2%	17,5%	16,2%	16,5%
3 livros	726.399	1.677.302	2.040.243	482.528	4.926.472
	11,5%	12,9%	13,7%	14,3%	13,1%
4 livros	344.171	1.051.252	1.342.601	353.563	3.091.587
	5,5%	8,1%	9,0%	10,5%	8,2%
5 livros	434.942	860.133	903.025	286.692	2.484.792
	6,9%	6,6%	6,1%	8,5%	6,6%
6 livros	162.516	382.232	678.541	186.316	1.409.605
	2,6%	2,9%	4,6%	5,5%	3,8%
7 livros	38.233	152.892	291.463	90.778	573.366
	0,6%	1,2%	2,0%	2,7%	1,5%
8 livros	66.902	224.585	344.038	119.429	754.954
	1,1%	1,7%	2,3%	3,6%	2,0%
9 livros ou mais	516.163	1.748.723	1.791.798	602.005	4.658.689
	8,2%	13,5%	12,0%	17,9%	12,4%
Não lembra/não opinou	535.298	721.670	487.431	28.664	1.773.063
	8,5%	5,6%	3,3%	0,9%	4,7%
Total	6.294.627	12.978.320	14.912.276	3.363.495	37.548.718
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Pesquisa “Juventudes Brasileiras”. UNESCO, 2004.

Foi perguntado ao jovem: “Aproximadamente, quantos livros você leu por prazer, nos últimos 12 meses?”.

- Somente os jovens que costumam ler livros.

Se a maioria dos jovens que está nos dois segmentos do ensino fundamental não lê (23,8% e 17,4%, respectivamente) ou lê apenas um livro por ano (16,6% e 13,8%), os jovens do ensino médio lêem, pelo menos, um livro (14,6%) ou dois (17,5%) no mesmo período. Esse número se altera surpreendentemente entre aqueles que estão no universo do ensino superior, pois a maioria (17,9%) lê nove livros ou mais a cada ano. Entretanto, nesse mesmo grupo, a média anual está entre dois e três livros (16,2% e 14,3%, respectivamente). Consideramos que, além do empenho dos profissionais de educação para o desenvolvimento do gosto pela leitura, existe a necessidade premente da elaboração de projetos editoriais, aliados a políticas de democratização do acesso aos livros, como forma de reduzir seus custos e facilitar o acesso da população às obras literárias em geral.

Com relação a outras formas de ocupar o tempo livre dentro de casa (e não especificadas pela pesquisa), estas ocupam uma posição parecida – 5º lugar – nos diferentes segmentos escolarizados. Em seguida, o que chama a atenção é que fazer a limpeza e arrumação da casa é atividade realizada com mais frequência por jovens com menor grau de instrução (11,8%). Os percentuais vão se reduzindo em relação inversa ao aumento do nível de escolaridade, chegando a 3% para os que possuem ou estão no nível superior. A relação entre tarefas domésticas e baixa escolaridade dentro da faixa etária pesquisada indica que muitos jovens desempenham responsabilidades de chefes de família,

não só por já terem constituído a sua própria, mas também pelo fato de ocuparem o lugar dos pais nas tarefas domésticas. A precocidade com que eles (e, como veremos no ponto a seguir, sobretudo, elas) assumem responsabilidades como lavar, passar, cozinhar e tomar conta dos irmãos menores é fundamental para compreendermos que, frequentemente, para muitos jovens, não há tempo livre, tempo de lazer, mas o tempo do trabalho não remunerado. Para muitos destes, brincar com os filhos também foi apontada como possibilidade de ocupação do tempo livre e isso parece reforçar a sua condição de jovens adultos com diferentes moratórias sociais.

Assim como os estudos ocupam o tempo de alguns jovens, a preferência tende a aumentar em uma relação diretamente proporcional ao nível de escolaridade, o mesmo ocorre com o uso do computador. Entretanto, é importante destacar que os jovens com até a 4ª série não utilizam o computador em casa. Isso pode estar relacionado ao alto custo dos aparelhos e ao baixo poder aquisitivo dos pertencentes a esse grupo ou ainda, à não utilização desse instrumento de aprendizagem no espaço escolar, o que impede que muitos não dominem a linguagem da informática básica. Apesar dos programas de democratização da informática, que vão desde a inclusão digital à instalação de computadores nas escolas, ainda é grande o número de analfabetos digitais no país.

As escolhas pelos espaços de lazer fora de casa devem ser dimensionadas segundo alguns aspectos importantes para compreendermos em que contextos estas são realizadas. Questões como a ausência de equipamentos de cultura e lazer, o alto custo das passagens dos transportes – em muitas localidades, até mesmo a ausência destes –, a distância entre o local de moradia e os centros urbanos, a crescente violência que restringe a circulação e a ocupação do espaço público, são alguns dos fatores que podem determinar essas escolhas.

Perguntados sobre o que mais gostam de fazer fora de casa, dezenove atividades diferentes foram apontadas pelos jovens. Observa-se que a ida a museus e teatros não aparece entre as atividades escolhidas, o que parece reforçar aquilo que foi dito anteriormente.

Tabela 05 – Distribuição dos Jovens segundo Atividade que mais Gostam de Fazer Fora de Casa, por Grau de Instrução, Brasil, 2004.

Qual Atividade que mais Gosta de Fazer Fora de Casa	Grau de Instrução				Total
	Até a 4ª Série do Ensino Fundamental	5ª a 8ª Série do Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	
Ir a bares	898.392 8,2%	1.232.715 7,6%	1.318.643 7,7%	515.981 14,9%	3.965.731 8,3%
Ir a festas	889.061	1.419.346	1.672.200	286.661	4.267.268

	8,1%	8,7%	9,8%	8,3%	8,9%
Dançar	831.591	1.500.431	1.672.294	363.096	4.367.412
	7,6%	9,2%	9,8%	10,5%	9,1%
Praticar esporte	1.027.641	2.312.794	2.245.776	281.877	5.868.088
	9,4%	14,2%	13,1%	8,1%	12,3%
Viajar	114.682	148.141	262.852	76.450	602.125
	1,0%	0,9%	1,5%	2,2%	1,3%
Ir ao cinema	47.777	234.084	740.529	477.738	1.500.128
	0,4%	1,4%	4,3%	13,8%	3,1%
Ir a jogos de futebol	387.018	587.718	568.646	47.759	1.591.141
	3,5%	3,6%	3,3%	1,4%	3,3%
Ir ao parque	172.015	329.681	343.948	43.011	888.655
	1,6%	2,0%	2,0%	1,2%	1,9%
Fazer compras	215.069	382.209	320.076	76.451	993.805
	2,0%	2,3%	1,9%	2,2%	2,1%
Reunião com amigos	1.921.628	2.427.675	2.551.625	420.471	7.321.399
	17,5%	14,9%	14,9%	12,2%	15,3%
Ir a praia	253.181	439.523	511.161	114.648	1.318.513
	2,3%	2,7%	3,0%	3,3%	2,8%
Ir a igreja	611.716	955.633	883.991	143.336	2.594.676
	5,6%	5,9%	5,2%	4,1%	5,4%
Namorar	219.903	477.888	635.503	133.776	1.467.070
	2,0%	2,9%	3,7%	3,9%	3,1%
Visitar parentes	258.066	334.379	205.449	28.658	826.552
	2,4%	2,1%	1,2%	0,8%	1,7%
Jogar bola/futebol	162.524	191.159	114.696	0	468.379
	1,5%	1,2%	0,7%	0,0%	1,0%
Ir ao shopping	38.220	157.648	272.343	57.341	525.552
	0,3%	1,0%	1,6%	1,7%	1,1%
Não fazer nada/não costuma sair	1.199.802	927.088	535.178	38.217	2.700.285
	10,9%	5,7%	3,1%	1,1%	5,6%
Qualquer coisa	196.025	167.266	133.807	0	497.098
	1,8%	1,0%	0,8%	0,0%	1,0%
Outros	1.519.919	2.059.605	2.135.709	353.563	6.068.796
	13,9%	12,6%	12,5%	10,2%	12,7%
Total	10.964.230	16.284.983	17.124.426	3.459.034	47.832.673
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Pesquisa “Juventudes Brasileiras”. UNESCO, 2004.

Foi perguntado ao jovem: “Independente de você sair ou não sair de casa para se divertir, qual atividade que você mais gosta de fazer, quando você está fora de sua casa?”.

A reunião com os amigos é a atividade preferida por quase todos os segmentos de escolaridade, exceto por aqueles do nível superior. Estes preferem ir a bares, o que, em nossa opinião, não quer dizer que não estejam reunidos com os amigos, mas tal escolha pode estar relacionada à maior autonomia econômica desses jovens. O que parece diferenciar os grupos é o local escolhido para que essas reuniões aconteçam. Este pode ser a rua ou a esquina do bairro, a casa de algum deles, a portaria do prédio, o bar, a praça, a

escola, a igreja, o shopping (conforme percentuais apontados inicialmente neste artigo). Estar em grupos potencializa e reafirma as múltiplas identidades juvenis, além de se constituírem em espaços apropriados para as trocas simbólicas e subjetivas que são próprias desse universo.

Para os jovens com o grau de instrução compreendido entre a quinta e a oitava série e aqueles do ensino médio (o que chamamos de grupos intermediários), a escolha da prática desportiva aparece em segundo lugar. Para os do primeiro segmento do ensino fundamental, esta é a quarta atividade preferida, ficando em sétimo lugar para o grupo do ensino superior. Sabemos que, para a maioria dos jovens, o contato com as atividades físicas ocorre no espaço escolar e que, grande parte dos sistemas de ensino privilegia o ensino da educação física como componente curricular exatamente nas faixas intermediárias de escolarização. Embora essa disciplina seja oferecida ao primeiro segmento de forma ainda bastante incipiente, é possível observar o empenho de algumas secretarias municipais em ampliar a sua inclusão nas diversas matrizes curriculares.

Com relação ao ensino superior, a desobrigação da oferta ou a condição de eletividade de educação física nas instituições universitárias fazem com que, aos poucos, os jovens percam contato com a sua prática. Destaca-se que, mesmo fora do espaço universitário, a ausência de espaços específicos e equipamentos apropriados, além da inserção no mercado do trabalho, são alguns fatores que podem contribuir para a redução dos níveis de participação em práticas desportivas lazerosas para esse grupo.

Dançar, ir a festas ou ir a bares são atividades lúdicas importantes para todos os segmentos etários, especialmente o juvenil. Espaços de encontros, de identificações e identidades de grupos específicos ou não, essas alternativas, embora percentualmente possam apresentar pequenas diferenças entre os graus de instrução, estão entre as formas mais freqüentes de ocupação do tempo livre fora de casa. Se a dança e a festa são escolhas que aumentam na mesma proporção do nível de escolaridade, podem também, assim como a ida aos bares, estar relacionadas às possibilidades financeiras como um importante fator para determinar essas preferências, conforme dito anteriormente. Entretanto, sabemos que há bailes para todos os gostos e diferentes poderes aquisitivos. São promovidas festas, não só as *raves*, para centenas de jovens em que o bar e a pista de dança formam o conjunto desse contexto de lazer.

Finalmente, observamos algumas opções de lazer que vale a pena destacar. “Não fazer nada/ não costumar sair” aparece diretamente relacionada aos jovens com menor grau de escolaridade e tende a uma queda significativa e progressiva de acordo com o aumento

dos níveis pesquisados. Isso parece apontar para a relação direta e inversa entre tempo ocioso⁵ e escolaridade. Os jovens com o primeiro segmento do ensino fundamental são, numericamente, dez vezes mais “ociosos” do que aqueles com o ensino superior. Essa relação deve ser pensada no contexto das diferenças socioeconômicas e nas diversas formas de ser jovem, não só no que diz respeito ao capital cultural, às moratórias sociais, mas ainda nas ausências de oportunidades de lazer em diversas cidades metropolitanas, não metropolitanas e rurais.

As atividades religiosas estão entre as preferências de todos os jovens, independente da escolarização. Estas podem variar de acordo com a região ou classe social pesquisadas, mas se configuram como importantes espaços, não só de associativismo como também de encontro e de formação de grupos de identidades. Apenas vale destacar que essa escolha diminui conforme aumenta o grau de instrução, mas isso não ocorre de forma significativa.

A despeito das diferenças metodológicas, algumas pesquisas⁶ têm apontado o shopping center como ponto de encontro e lazer muito citado por grande parte dos jovens quando estão fora de casa. Fatores relacionados à segurança, diversidade de opções e baixo custo são apontados como decisivos para essa escolha. Entretanto, a pesquisa indicou que os shoppings ocupam a penúltima colocação entre as dezenove opções apontadas como atividades de lazer que eles mais gostam de fazer fora de casa, havendo uma variação pouco significativa entre os níveis escolares. Ainda com relação aos locais onde preferem se reunir com os amigos, esses espaços aparecem na última posição entre as nove opções reveladas por todos os jovens. Seria esse mais um dado para discutirmos a diferença entre o que os jovens efetivamente querem e o que lhes é oferecido – ou não – como possibilidades de cultura e lazer?

Relações de gênero conformando o lazer juvenil

Pensar as representações e práticas dos jovens brasileiros a partir da perspectiva de gênero significa colocar em foco aquilo que pesquisas recentes sobre este mesmo segmento social vêm apontando: há diferenças significativas entre homens e mulheres jovens também no que diz respeito à ocupação de seu tempo livre e ao lazer. O esforço feito é no sentido de olhar os dados de forma conjunta a partir desse recorte específico, buscando refletir sobre conclusões de estudos anteriores como a que se segue: “desigualdades nas formas e conteúdos de ocupação do tempo livre se manifestam mais intensamente quando

⁵ Sobre o conceito de tempo ocioso ver Dumazedier (1987) e Russel (2002).

⁶ IBASE/POLIS – 2005; ISER – 2002; UNESCO – 2001.

consideradas as variáveis *gênero e faixa de renda*” (Brenner, Carrano e Dayrell, 2005, pág. 211). Se, no segundo caso, é possível inferir que as questões relativas ao poder aquisitivo dos jovens são centrais na medida em que restringem as possibilidades de acesso dos mesmos, limitando inclusive seu campo de escolhas em relação às “opções” de lazer; no caso da primeira variável, há um campo de questões que se colocam no âmbito dos papéis sociais atribuídos a mulheres e homens e ao que é considerado feminino e masculino em nossa sociedade. Os dados aqui apresentados nos permitem olhar para as novas gerações de mulheres e nos questionarmos sobre as possibilidades e limites de importantes conquistas realizadas no último século (e, sobretudo nas últimas décadas) por movimentos feministas e de mulheres. Além disso, queremos refletir até que ponto a força dos papéis atribuídos a homens e mulheres em nossa sociedade restringe a prática cotidiana e tais conquistas, principalmente no ambiente doméstico.

Parte-se aqui do pressuposto de que as relações de gênero não são naturais, ou seja, não são estabelecidas por conta da formação biológica diferenciada de homens e mulheres. A palavra “gênero” pretende marcar com força a distinção em relação ao sexo, este sim biológico. O que se pretende com essa distinção é deixar bem claro que os papéis de gênero são estabelecidos culturalmente, sendo, portanto, uma criação acordada entre os membros de determinada sociedade e não um destino natural. Como produto de uma cultura, tais papéis sociais são passíveis de mudanças de acordo com as lutas e transformações que ocorrem ao longo do tempo em uma sociedade. Feitos esses esclarecimentos, apresentamos os dados da pesquisa.

As atividades preferidas pelos jovens para ocupar seu tempo livre dentro e fora de casa nos dão pistas sobre a construção das relações de gênero na sociedade brasileira. Ver televisão é a atividade mais citada por grande parte dos jovens (35%) e, aparentemente, não há significativas diferenças de gênero. Tal tendência se confirma em outra questão: quando perguntados se costumam ou não assistir TV, a imensa maioria dos jovens (97,7%) responde positivamente. É interessante notar, no entanto, que é na qualidade do consumo daquilo que é transmitido através da televisão que as diferenças entre mulheres e homens jovens se fazem visíveis, como fica claro na tabela a seguir:

Tabela 06 – Distribuição dos Jovens segundo Tipo de Programa Televisivo que Preferem Assistir, por Sexo, Brasil, 2004.

Que Tipo de Programa Prefere Assistir na Televisão	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Séries/minisséries	420.376	602.009	1.022.385
	1,8%	2,5%	2,1%

Noticiários informativos (jornais)	4.764.108	3.913.486	8.677.594
	20,1%	16,2%	18,1%
Programas sobre crime	396.673	296.274	692.947
	1,7%	1,2%	1,4%
Desenhos animados	1.552.971	1.151.608	2.704.579
	6,6%	4,8%	5,7%
Programas humorísticos	353.628	382.266	735.894
	1,5%	1,6%	1,5%
Documentários	883.891	568.539	1.452.430
	3,7%	2,4%	3,0%
Esportes	5.251.773	396.552	5.648.325
	22,2%	1,6%	11,8%
Novelas	2.308.248	11.191.449	13.499.697
	9,7%	46,4%	28,2%
Programas de entrevistas	343.970	468.220	812.190
	1,5%	1,9%	1,7%
Reality show ("big brother", "casa dos artistas")	172.052	329.744	501.796
	0,7%	1,4%	1,0%
Programas de auditório	205.544	258.088	463.632
	0,9%	1,1%	1,0%
Filmes	6.054.524	3.019.798	9.074.322
	25,5%	12,5%	19,0%
Programas educativos	864.827	1.409.614	2.274.441
	3,6%	5,8%	4,8%
Outros	124.264	148.174	272.438
	0,5%	0,6%	0,6%
Total	23.696.849	24.135.821	47.832.670
	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Pesquisa "Juventudes Brasileiras". UNESCO, 2004.

Foi perguntado ao jovem: "Independente de você assistir ou não assistir TV, se você tivesse que escolher algum programa de televisão para assistir, por favor, diga-me qual destes tipos de programa descritos na cartela você escolheria para assistir?".

As jovens mulheres assistem, significativamente, mais novelas (46,4%) do que os jovens homens (9,7%). Já os filmes e programas de esporte são mais populares entre os homens jovens. Há, aí, o que podemos chamar de primeiros indícios de que existem formações diferenciadas no que diz respeito ao "gosto" ou à preferência de jovens mulheres e homens, onde as telenovelas se ligariam ao universo feminino e, os filmes e, principalmente, os programas esportivos ao universo masculino. Mas estariam essas diferenças circunscritas ao universo do consumo cultural televisivo? Os dados abaixo revelam que não.

Tabela 07 – Distribuição dos Jovens segundo Atividade que mais Gostam de Fazer no Tempo Livre em Casa, por Sexo, Brasil, 2004.

Qual Atividade que Mais Gosta de Fazer no Tempo Livre em Casa	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Beber	224.577	90.781	315.358
	0,9%	0,4%	0,7%
Dançar	167.243	415.692	582.935
	0,7%	1,7%	1,2%
Assistir Televisão	8.964.597	7.764.880	16.729.477
	37,8%	32,2%	35,0%
Usar Computador	511.233	253.196	764.429
	2,2%	1,0%	1,6%
Jogar Videogames	749.997	81.227	831.224
	3,2%	0,3%	1,7%
Dormir, Descansar	2.566.356	2.732.996	5.299.352
	10,8%	11,3%	11,1%
Fazer a Limpeza da Casa	692.849	2.341.883	3.034.732
	2,9%	9,7%	6,3%
Estudar	927.119	1.036.998	1.964.117
	3,9%	4,3%	4,1%
Ouvir Música	4.501.116	3.932.387	8.433.503
	19,0%	16,3%	17,6%
Ler Livros	1.189.808	2.327.009	3.516.817
	5,0%	9,6%	7,4%
Ler Revistas	66.932	234.131	301.063
	0,3%	1,0%	0,6%
Namorar	229.338	162.456	391.794
	1,0%	0,7%	0,8%
Brincar com os Filhos	229.384	358.385	587.769
	1,0%	1,5%	1,2%
Não Fazer Nada	282.036	138.602	420.638
	1,2%	0,6%	0,9%
Qualquer Coisa	200.767	157.720	358.487
	0,8%	0,7%	0,7%
Outros	2.193.498	2.107.480	4.300.978
	9,3%	8,7%	9,0%
Total	23.696.850	24.135.823	47.832.673
	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Pesquisa “Juventudes Brasileiras”. UNESCO, 2004.

Foi perguntado ao jovem: “No seu tempo livre, qual atividade que você mais gosta de fazer, quando você está na sua casa?”.

A tabela acima mostra que outras preferências dos jovens no que se refere a atividades executadas em seu tempo livre dentro de casa trazem consigo diferenças de gênero. É o caso de ouvir música, atividade que aparece em segundo lugar. Os jovens do

sexo masculino ouvem mais música em seu tempo livre (19%) do que as jovens (16,3%), ainda que a diferença não seja significativa. Já a leitura de livros, que está em 5º lugar na escolha dos jovens, apresenta uma distinção significativa na preferência de mulheres e homens jovens. Enquanto 9,6% delas dizem ser esta a atividade de sua preferência, entre eles este percentual é de 5%, ou seja, quase a metade. É interessante refletir neste ponto sobre as diferenças de gênero condicionando os hábitos de leitura. Seria essa atividade mais exercida pelas mulheres por ser considerada feminina (assim como a preferência pelas novelas) em contraposição a outras atividades (como a prática de esportes, por exemplo) que seriam mais desempenhadas pelos homens jovens por congregarem atributos relacionados a um universo masculino?

Cabem ainda outras observações sobre os dados relativos à qualidade do tempo livre dos jovens brasileiros em suas casas. Fazer a limpeza da casa aparece em sexto lugar na apuração dos dados com 6,3% dos jovens declarando ser esta a atividade que mais gostam de fazer no tempo livre em casa (tal prática tem mais adesão do que estudar, por exemplo, que apenas 4,1% declararam como atividade de sua preferência). Esses dados, uma vez mais, nos fazem refletir sobre os papéis de gênero em nossa sociedade já que esta atividade é apontada como a que mais gostam de fazer por 9,7% das jovens e por apenas 2,9% dos jovens homens. Ou seja, as jovens dizem preferir fazer a limpeza da casa numa proporção três vezes maior do que os jovens homens. A formulação da pergunta (no seu tempo livre, o que você **mais gosta de fazer** quando está na sua casa?) aparentemente não deixa dúvidas, ou seja, trata-se de uma escolha, de uma opção, de uma preferência individual. Não se perguntou, por exemplo, o que os jovens e as jovens **mais fazem**, o que poderia comportar atividades que são “obrigados” ou estimulados a fazer. Nesse ponto, e apesar de nada parecer mais livre de normas e despido de coerções sociais do que gosto “pessoal”, “individual”, é preciso levar em conta o fato de nossos gostos e preferências também serem produtos das relações sociais nas quais nos inserimos e da forma como se estruturam tais relações nas diferentes sociedades e culturas. Gostar de fazer algo indica não só o que queremos, mas também para o que fomos ensinados a fazer desde muito cedo e aquilo que é valorizado pela nossa família, nossos amigos e por diferentes representantes da sociedade da qual fazemos parte.

“A divisão entre os sexos parece estar ‘na ordem das coisas’, como se diz por vezes para falar de que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas ‘sexuadas’), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como

sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação” (Bourdieu, 2003, pág. 17).

Como aponta o sociólogo Pierre Bourdieu, nossas preferências e nossos gostos são produtos da nossa relação com a sociedade na qual vivemos e espelham as estruturas nela presentes. Ao apreciarmos mais uma atividade do que outra, estamos colocando em prática, não sem conflito, o que é valorizado para os papéis sociais que exercemos nessa sociedade. As diferenças entre as preferências de mulheres e homens jovens podem indicar também que as jovens continuam sendo mais socializadas do que eles para exercer as tarefas domésticas ou o trabalho doméstico. Dessa forma a esfera doméstica (ou o espaço da casa) continua a ser uma esfera feminina ou, em outras palavras, “coisa de mulher”. A jovem, muitas vezes desde criança, torna-se responsável por tarefas como limpar e varrer a casa, lavar e passar roupa, fazer ou esquentar comida e/ou cuidar de seus irmãos menores, utilizando boa parte de seu tempo “livre” com o trabalho dentro de casa. Esse é um exemplo da socialização diferenciada entre meninas e meninos, onde eles acabam por gozar de maior liberdade, sobretudo nos primeiros anos de vida (Heilborn, 1995). Desse modo, mulheres e homens aprendem desde muito cedo como cada um deve ocupar seu “tempo livre” no ambiente doméstico e que tarefas cabem a quem.

Ao mesmo tempo, esse tipo de trabalho, circunscrito à esfera doméstica, vem sendo historicamente desvalorizado, chegando a permanecer por muito tempo invisível. Recente pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo (2004) aponta que, em 96% dos domicílios pesquisados, a principal responsável pelas tarefas domésticas era uma mulher. O conjunto de dados permitiu concluir que as mulheres permanecem responsáveis pela gestão da organização doméstica, enquanto a participação dos homens se limita a ajuda pontual (Sorj, 2004).

Saindo de casa, as atividades que os jovens gostam de fazer também têm gênero como evidenciado a seguir:

Tabela 08 – Distribuição dos Jovens segundo Atividade que mais Gostam de Fazer Fora de Casa, por Sexo, Brasil, 2004.

Qual Atividade que mais Gosta de Fazer Fora de Casa	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Ir a bares	2.379.524	1.586.207	3.965.731
	10,0%	6,6%	8,3%
Ir a festas	1.983.040	2.284.228	4.267.268
	8,4%	9,5%	8,9%
Dançar	1.290.228	3.077.184	4.367.412
	5,4%	12,7%	9,1%

Praticar esporte	5.203.773	664.315	5.868.088
	22,0%	2,8%	12,3%
Viajar	224.577	377.548	602.125
	0,9%	1,6%	1,3%
Ir ao cinema	439.567	1.060.561	1.500.128
	1,9%	4,4%	3,1%
Ir a jogos de futebol	1.466.907	124.233	1.591.140
	6,2%	0,5%	3,3%
Ir ao parque	291.437	597.217	888.654
	1,2%	2,5%	1,9%
Fazer compras	167.219	826.586	993.805
	0,7%	3,4%	2,1%
Reunião com amigos	3.211.524	4.109.876	7.321.400
	13,6%	17,0%	15,3%
Ir a praia	558.994	759.519	1.318.513
	2,4%	3,1%	2,8%
Ir a igreja	625.992	1.968.684	2.594.676
	2,6%	8,2%	5,4%
Namorar	970.143	496.927	1.467.070
	4,1%	2,1%	3,1%
Visitar parentes	186.363	640.189	826.552
	0,8%	2,7%	1,7%
Jogar bola/futebol	449.251	19.129	468.380
	1,9%	0,1%	1,0%
Ir ao shopping	176.776	348.775	525.551
	0,7%	1,4%	1,1%
Não fazer nada/não costuma sair	783.726	1.916.559	2.700.285
	3,3%	7,9%	5,6%
Qualquer coisa	243.787	253.312	497.099
	1,0%	1,0%	1,0%
Outros	3.044.022	3.024.773	6.068.795
	12,8%	12,5%	12,7%
Total	23.696.850	24.135.822	47.832.672
	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: Pesquisa “Juventudes Brasileiras”. UNESCO, 2004.

Foi perguntado ao jovem: “Independente de você sair ou não sair de casa para se divertir, qual atividade que você mais gosta de fazer, quando você está fora de sua casa?”.

Como é possível observar na tabela acima, a atividade que os jovens mais gostam de fazer quando estão fora de casa é se reunir com amigos, havendo uma pequena diferença entre mulheres jovens e homens jovens. As maiores diferenças podem ser notadas, no entanto, quanto ao local onde costumam se reunir.

Tabela 09 – Distribuição dos Jovens segundo Local em que Costumam se Reunir com os Amigos, por Sexo*, Brasil, 2004.

Em Qual Local Costuma se Reunir com os Amigos	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Na rua ou no bairro	9.514.115	5.294.518	14.808.633
	43,8%	25,9%	35,1%
No edifício/casa	4.205.062	5.997.087	10.202.149
	19,4%	29,3%	24,2%
Área esportiva (quadras)	3.058.595	229.412	3.288.006
	14,1%	1,1%	7,8%
Na escola	2.484.792	3.344.888	5.829.680
	11,4%	16,4%	13,8%
Algum bar, boteco, discoteca	5.265.854	3.746.076	9.011.929
	24,2%	18,3%	21,4%
Na praça	4.932.160	3.823.613	8.755.773
	22,7%	18,7%	20,8%
Na igreja	1.658.096	2.948.331	4.606.427
	7,6%	14,4%	10,9%
Shopping center	1.055.794	1.600.427	2.656.222
	4,9%	7,8%	6,3%
Na casa de alguns de vocês	5.456.807	7.205.562	12.662.369
	25,1%	35,2%	30,0%

FONTE: Pesquisa “Juventudes Brasileiras”. UNESCO, 2004.

Foi perguntado ao jovem: “Em qual ou quais locais você costuma se reunir com os(as) seus(suas) amigos(as)”

- A questão permite múltiplas respostas, o que resulta na totalização das porcentagens em um número diferente de 100%.

Entre os homens jovens a rua/ bairro, a casa de um deles, algum bar, boteco ou discoteca, a praça e o edifício/ casa aparecem como locais preferidos. Já as jovens mulheres dizem se reunir com seus amigos na casa de um deles, no edifício/ casa, na rua ou bairro, na praça e em algum bar, boteco ou discoteca. Apesar das proximidades, é interessante notar que, espaços fechados (em exceção de bares, botecos ou discoteca) como a casa de um dos amigos, o edifício/ casa, a escola, a igreja e o shopping aparecem em maior proporção na escolha das jovens. Enquanto, no caso dos homens jovens, espaços abertos e/ou públicos aparecem em maior proporção; é o caso da rua ou bairro, das áreas esportivas e praças.

Estabelece-se neste ponto uma espécie de dicotomia entre mulheres e homens jovens que pode se traduzir na relação entre a casa e a rua, onde o espaço da rua encontra-se associado ao perigo e está fortemente associada ao mundo masculino (Novaes, 2001). Locais fechados ou próximos a esfera privada aparecem em maior proporção na escolha das jovens. Em parte deles (casa dos amigos, escola, igreja, shopping) o contato com adultos é mais provável e o controle sobre a jovem é maior, sendo, inclusive, locais em que

os responsáveis ficam tranquilos por seus filhos (e, sobretudo, suas filhas) estarem ali, longe de perigos (e da rua), não precisando se preocupar. Já os locais que aparecem em maior grau na preferência dos homens, inversamente, são locais articulados à esfera da “rua”, da suposta proximidade com o perigo. É interessante notar ainda que, de acordo com esta pesquisa, os pais **negam** permissão para namorar, fumar, consumir bebida alcoólica, sair com os amigos e chegar tarde em casa muito mais às mulheres jovens do que aos jovens homens, ou seja, os mecanismos de controle são sempre mais acionados em relação às jovens. Dessa forma,

“(…) no que se refere ao gênero, a tradicional divisão socioespacial, na qual os homens possuem maior mobilidade sociocomunitária no espaço público, enquanto as mulheres estão mais circunscritas ao espaço doméstico e têm menor mobilidade para praticar atividades extrafamiliares” (Brenner, Dayrell e Carrano, 2005, p. 184).

A prática de esportes, que aparece em terceiro lugar como atividade que os jovens mais gostam de fazer fora de casa, é preferida em maior grau pelos jovens homens (22%) do que pelas jovens (2,8%), seguindo tendência percebida no início deste ponto quando os programas televisivos esportivos já se destacam mais na escolha deles. As relações entre gênero e esportes são conhecidas. Os exercícios físicos e esportes foram historicamente incentivados aos homens, na medida em que ajudavam a validar a masculinidade, e apartados das mulheres por contribuírem para “desviar o sexo feminino do papel de mãe dedicada exclusivamente ao lar” (Salles-Costa *et al*, 2003).

Em seguida está a preferência dos jovens por dançar (9,1%), ir a festas (8,9%) e ir a bares (8,3%), formas de ocupação do tempo livre fora de casa muito associadas pelo senso comum ao “universo juvenil”. Frequentar festas aparece de forma semelhante nas preferências de homens e mulheres jovens. Já as outras duas atividades revelam diferenças: enquanto 10% dos homens disseram ser “ir a bares” a atividade que mais gostam, apenas 6,6% das mulheres afirmaram o mesmo. Em contrapartida, dançar aparece na preferência de 12,7% das jovens e entre apenas 5,4% dos jovens homens brasileiros. No entanto, como se percebe na tabela a seguir, elas nunca frequentam shows e bailes/ festas em maior proporção do que os jovens homens.

Tabela 10 – Distribuição dos Jovens segundo Espaço de Lazer e Cultura que Nunca Frequentam, por Sexo, Brasil, 2004.

Espaço de Lazer e Cultura	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Teatro	1.773.409	1.768.098	35.415.076
	74,8%	73,3%	74,0%
Museu	1.676.462	1.740.890	34.173.527

	70,7%	72,1%	71,4%
Cinema	11.509.317	12.196.612	23.705.929
	48,6%	50,5%	49,6%
Shows	5.500.793	7.708.372	13.209.164
	23,2%	31,9%	27,6%
Bibliotecas	10.877.021	10.154.800	21.031.821
	45,9%	42,1%	44,0%
Estádios/ginásios Esportivos	7.593.600	13.742.984	21.336.584
	32,0%	56,9%	44,6%
Clubes	7.775.258	10.919.343	18.694.601
	32,8%	45,2%	39,1%
Bailes/festas	4.286.144	6.135.584	10.421.729
	18,1%	25,4%	21,8%

FONTE: Pesquisa “Juventudes Brasileiras”. UNESCO, 2004.

Foi perguntado ao jovem: “Agora, para cada um dos locais e eventos que eu citar, diga-me por favor com que frequência você costuma ir a estes lugares.”

*** Somente os jovens que nunca freqüentam**

Como já foi dito nos pontos anteriores, apenas 5,6% dos jovens declararam “não fazer nada ou não costumar sair” em seu tempo livre fora de casa. No entanto, entre as jovens mulheres esse percentual é de 7,9%, enquanto entre os homens jovens ele cai para 3,3%. Mais uma vez é preciso ponderar sobre a ligação social das mulheres com o espaço da casa, o espaço doméstico, e as obrigações sociais que as levam a “preferir” sair menos ou não fazer nada em seu tempo livre. Por um lado, fica claro, através dos dados, que o tempo das jovens tende a ser mais controlado pelos seus pais/ responsáveis, uma vez que eles permitem menos que elas saiam com os amigos ou cheguem tarde em casa, por exemplo, o que pode contribuir para o fato de elas não costumarem sair (não sabemos se elas querem ou não sair). Por outro lado, seria interessante refletir sobre o que significa para estas jovens “não fazer nada”. Isso porque, como já foi dito, a histórica desvalorização do trabalho doméstico pode contribuir para que atividades como cuidar dos irmãos menores, limpar a casa, cozinhar e/ou lavar e passar roupas estejam tão incorporadas a seus cotidianos que acabem podendo ser vocalizadas como “não fazer nada”. O mesmo pode acontecer se for considerada a clivagem por classe já que entre os jovens das classes A/B, apenas 1,2% disseram não fazer nada ou não costumar sair, já entre os das classes D/E, este percentual é quase oito vezes maior. O que está em jogo, afinal, é uma questão de “gosto” ou “preferência” (ainda levando em conta que ambos se conformam na relação com a sociedade) ou a possibilidade de escolher, dada por aspectos materiais e culturais, entre as formas socialmente apresentadas de ocupação do tempo livre fora de casa?

Ainda sobre o que os jovens gostam de fazer em seu tempo livre fora de casa, 5,4% dos entrevistados contaram ser a ida à igreja a atividade de sua preferência. Esse número

não causa surpresa já que várias pesquisas recentes vêm mostrando a centralidade da religião na vida de muitos jovens, que acaba ocupando, inclusive, a forma de participação social mais comum entre eles e, sobretudo, entre elas. Os dados da presente investigação reforçam esta conclusão: dos 27,3% que participam ou já participaram de alguma organização social, 81,1% estão ou estiveram envolvidos em associações de caráter religioso. Também reforçando dados já conhecidos, a igreja como ocupação preferida do tempo livre fora de casa aparece mais entre as jovens (8,2%) do que entre os jovens homens (2,6%), o que torna compreensível o fato de a música gospel estar mais presente na preferência de mulheres do que na de homens jovens. Além do gospel, o axé, a MPB, e a música romântica aparecem mais na escolha das jovens mulheres do que dos jovens homens; enquanto o hip hop, o reggae, o rock e o rap são preferidos pelos homens jovens em maior proporção.

Considerações finais

Ao se tratar de alguns aspectos relacionados à cultura e ao lazer dos jovens pesquisados não se buscou esgotar o potencial de análise e de desvendamento de diferentes realidades juvenis presentes nas muitas tabelas geradas a partir do processamento dos dados. Ao contrário, por um lado considerou-se aqui que muitos aspectos que podem ser associados às dimensões de cultura e lazer serão encontrados nos demais capítulos da presente publicação. É interessante, portanto, que este capítulo possa ser lido como uma interpretação possível de um conjunto delimitado de questões presentes no questionário da pesquisa e cujos dados e análises aqui sistematizados podem ajudar a criar um panorama rico e diversificado a partir de distintos olhares sobre a situação das muitas juventudes brasileiras. Por outro lado, houve uma opção consciente por parte dos autores de ir um pouco mais fundo em alguns aspectos tornados visíveis a partir da análise dos dados. Não se procurou, portanto, esgotar as muitas dimensões presentes nos dados sobre cultura e lazer da presente investigação, mas aprofundar conjuntos de dados a partir dos recortes de escolaridade e gênero.

Foi possível, com esse enfoque, reconhecer as profundas desigualdades existentes entre jovens com graus de instrução distintos, apontando para o fato de ser a escolaridade conformadora de gostos e possibilitadora de acesso a diferentes oportunidades. Por outro lado, percebemos que a reprodução dos papéis tradicionais de gênero continua presente entre a juventude. Preferências e acessos são construídos de acordo com a lógica de que há assuntos e atividades para mulheres (ou femininas) e um universo dos homens, ou seja, masculino. Neste ponto, é preciso pensar sobre o peso dos agentes socializadores dos

jovens (família, escola, meios de comunicação, grupos de amizade) na (re)produção de papéis de gênero. Podemos dizer que o lazer, ou melhor, o direito ao tempo livre é masculino. Ao fazermos o recorte de gênero para a compreensão e análise da presença feminina nos espaços /tempos destinados ao lazer nos deparamos com uma questão historicamente colocada em nossa sociedade. Sabemos que o lugar de menino – e, por continuidade, o do homem jovem – é a rua. A menina – e também a mulher jovem – deve ficar em casa, seja como forma de “protegê-la”, seja para realizar as tarefas domésticas. Embora não sejam consideradas como trabalho, estas interditam o direito da mulher ao tempo livre e ao lazer.

Reconhece-se, ainda, que a riqueza das informações geradas e o potencial de análise das mesmas vão além do que pode ser olhado e analisado em um breve artigo. Espera-se, portanto, que muitas outras análises sejam produzidas e sirvam para ampliar o debate sobre práticas e representações dos jovens brasileiros em relação à cultura e ao lazer, contribuindo para fortalecê-los como sujeitos de direitos com especificidades em relação às demais faixas-etárias, sem deixar de considerar as diferenças e desigualdades presentes no que se usa chamar “juventude brasileira”.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, Miriam. CASTRO, Mary Garcia. *Juventude, Juventudes: o que une e o que separa*. Brasília: UNESCO, julho de 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, 3ª ed.

BRENNER, Ana Karina. CARRANO, Paulo. DAYRELL, Juarez. *Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros*. In: ABRAMO, Helena Wendel. BRANCO, Pedro Paulo Martoni. *Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2005.

CARRANO, Paulo C. R. *Juventude e participação no Brasil – interdições e possibilidades*. In: *Democracia viva: especial juventude e política*. Rio de Janeiro: IBASE, 2006.

CASTRO, Mary Garcia. *Pesquisas da UNESCO sobre juventudes no Brasil*. In: NOVAES, R., PORTO, M., HENRIQUES, R. (Orgs). *Juventude, cultura e cidadania*. Rio de Janeiro: ISER. 2002, edição especial.

DAMATTA, Roberto. *A Casa & A Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena – O rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

HEILBORN, Maria Luiza. *Gênero: uma breve introdução*. In: Gênero e Desenvolvimento Institucional em ONGs. Rio de Janeiro, Núcleo de Estudos Mulher e Políticas Públicas, IBAM, 1995.

IBASE/ PÓLIS. *Juventude Brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas*. Relatório final. Rio de Janeiro, 2005.

MARTINS, Carlos Henrique dos S. *O Charme: território urbano popular de elaboração de identidades juvenis*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2004.

MELLO, Cecília; NOVAES, Regina. *Jovens do Rio*. Rio de Janeiro: ISER. 2002, Nº 57.

NOVAES, Regina Reyes. *Hip Hop: o que há de novo?* In: Proposta – Revista Trimestral de Debate da FASE – Novas ONGs, novos desafios. Rio de Janeiro: FASE. Ano 30. Setembro/ Novembro de 2001.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

RUSSELL, Bertrand. *O Elogio ao ócio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SALLES-COSTA, Rosana, HEILBORN, Maria Luiza, WERNECK, Guilherme Loureiro *et all*. *Gênero e prática de atividade física de lazer*. In: Caderno Saúde Pública, v.19, supl. 2, Rio de Janeiro, 2003.

SORJ, Bila. *Trabalho remunerado e trabalho não-remunerado*. In: A mulher brasileira nos espaços público e privado. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.